

MARIA A JUDIA E A ARTE HERMÉTICO-MOSAICA

Nelson Lage da Costa

Mestre em Ensino de Ciências

Professor UCB

nelsonlage@ig.com.br

Teresa Cristina de Carvalho Piva

Professora HCTE/UFRJ

teresa.piva@yahoo.com.br

Nadja Paraense dos Santos

Professora HCTE/UFRJ

nadja@iq.ufrj.br

INTRODUÇÃO

Maria, a judia ou Maria a Hebreia, conhecida, na sua época, pelo pseudônimo de “A Profetiza”, foi de acordo com Patai (2009), a fundadora judia-helenista da alquimia.



Fig 1 - Maria, a Judia. Cópia da reprodução extraída de Michael Maier, *Symbola aureae duodecim nationum* (Frankfurt-am-Main, 1617)

Segundo Ares (1996), Maria viveu no Egito por volta do ano 273 a.C. No entanto, alguns pesquisadores a situam na época de Aristóteles (384–322 a.C.). Este é o primeiro de tantos outros mistérios que cercam esta mulher que teve seu destaque na alquimia.

Sobre Maria, pouco se sabe. Autores como Vanin (1994) e Patai (2009) afirmam que por volta dos anos 200 ou 300 a.C, o alambique teria sido inventado por Maria. Além deste, esta mesma alquimista desenvolveu dois aparelhos de destilação, com duas ou três saídas para destilados: o

Dibikos e o *Tribikos*. Maria desenvolveu ainda um aparelho de sublimação feito de metal, que não se sabe se cobre ou bronze, em que a parte central superior possuía três tubos com uma saída em forma de bico que podia gotejar o líquido destilado em frascos ou recipientes. Inventou ainda o *kerotaki*, que era usado como um aparelho para amolecer os metais e misturá-los com agentes corantes

Maria percebeu que era possível controlar melhor a temperatura das substâncias com o auxílio da utilização da água – e este aparelho até hoje é conhecido pelo nome de “*banho-maria*”.

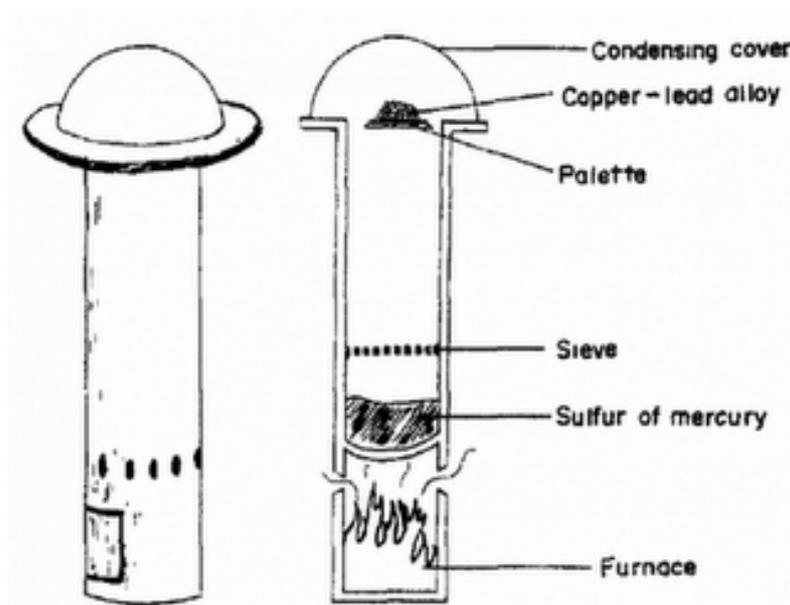


Fig 2 – Banho - Maria. Cópia da reprodução extraída de Michael Maier, *Symbola aureae duodecim nationum* (Frankfurt-am-Main, 1617)

Esta pesquisa tem como objetivo principal divulgar e, conseqüentemente, analisar as realizações alquímicas de Maria, baseada nos escritos de Zóximo de Panópolis, (Século III ou IV d. C.) cujas anotações sobre a alquimia constituem as obras gregas mais antigas, detalhadas e conseqüentemente confiáveis informações sobre Maria. Busca-se ainda traçar algumas relações entre Maria e a “*Arte Hermético-Mosaica*” proposta por Moisés e Hermes, ambos do período alexandrino (século III a. C.).

QUEM FOI MARIA, A JUDIA?

Maria, a judia, também era conhecida, na sua época, pelo pseudônimo de “A Profetiza”. Este é o primeiro de tantos outros mistérios que cercam esta mulher que teve seu destaque na alquimia. Outros registros como, por exemplo, o trabalho realizado por Eberly (1995), aponta que Maria teria sido (Miriam) a irmã do Moisés bíblico e Aarão e teria que atuado como líder feminista durante a

travessia do deserto, fundando o “Movimento Feminista”, querendo competir com o irmão. (Números – Capítulo 12). Maria teria sido uma das mais famosas “bruxas” dos tempos antigos e dizia-se que fora instruída pelo próprio Deus, pois os próprios textos sagrados assim a descrevem e comprovam.

Maria viveu no Egito por volta do ano 273 a.C. No entanto, alguns pesquisadores a situam na época de Aristóteles (384–322 a.C.), uma vez que a concepção aristotélica dos quatro elementos formadores do mundo (o fogo, o ar, a terra e a água) condiz bastante com as idéias alquimistas de Maria, como o axioma proposto: “o Um torna-se Dois, o Dois torna-se Três, e do terceiro nasce o Um como Quatro”. Também se credita a Maria o estudo do enxofre (que na época era o elemento fogo). Há ainda outro axioma creditado a Maria é o seguinte: “uma pedra que não é pedra” e “tão comum que ninguém a consegue identificar” (ARES, 1996).

Maria, em seus manuscritos, relatou que Deus lhe revelou uma maneira de calcinar cobre e enxofre e daí produzir ouro (talvez aqui esteja a confirmação do trabalho alquímico de transmutação de metais desenvolvido por Maria).

Na sua época, o enxofre era tirado das minas de ouro na forma de dissulfeto de arsênico (Médicos Gregos e Romanos, como *Dioscorides e Plínio* o Velho (23-79 d.C.) registraram a existência desta substância). (PATAI 2009).

Registros históricos apontados por Ares (1996) indicam que Mirian (Maria a Judia) teria sido uma das parteiras que se recusou a cumprir as ordens do Faraó Ramsés II, (deitar ao Nilo todos os meninos hebreus recém-nascidos). A Profetisa Mirian, meia-irmã de Moisés também tem seus registros de existência na Torah (תּוֹרָה); aliás, é a primeira mulher referida na Torah como profetisa (ha-Naviá) e lhe é atribuído um papel fundamental na sobrevivência do povo de Israel, no Egito, tendo participado também na travessia do mar vermelho. E, como já citado, a maior parte das suas escrituras foi conservada por Zózimo de Panópolis (300 d.C.).

Por volta do ano 300 a.C. foi estabelecida definitivamente a cultura helenística por conta da conquista do Egito por Alexandre. Foi, portanto, o surgimento de uma civilização que deu novos rumos à sapiência no Egito. Todavia, tal cultura fora baseada numa forma bastante peculiar de sabedoria: a filosofia grega, que apareceu na Grécia clássica 600 anos antes de Cristo.

Já a alquimia egípcia, muito semelhantemente à chinesa, à hindu e à caldaica – tem suas origens em técnicas mágico-míticas. No entanto, a alquimia egípcia só se constitui definitivamente como tal depois de se tornar possível a visão dessas técnicas sob um ponto de vista sapiencial, baseado em meditações sobre a unidade e a verdade.

OS ELOS ENTRE MARIA E OS ALEXANDRINOS

Entre os principais alquimistas alexandrinos encontram-se o já citado Zózimo, século III d.C. e (pseudo) Demócrito (até onde é possível determinar, do período entre 100 a.C. e 100 d.C.). Ambos fizeram trabalhos importantes com os metais. A partir destes alquimistas que se dá o surgimento da “Pedra Filosofal”, a tentativa de transmutar os metais em ouro (sol) e prata (lua) e a dedicação ao trabalho, considerado como a Grande Obra. Zózimo é considerado o primeiro alquimista. Para ele, a metalinidade dos metais não depende de sua matéria, mas das qualidades que vêm a tomar. Estes alquimistas misturavam a influências da filosofia grega com o pensamento místico oriental. Segundo Zózimo, Maria, a Judia, era uma egípcia helenizada versada em magia oriental. É atribuída a ela a invenção do banho-maria e de um alambique de três bicos para a destilação de águas sulfuradas. (PATAI, 2009)

Depois de Zózimo, a alquimia deixou de ser investigação sobre a matéria, passando a ser uma doutrina mística, intocável, imutável e irrefutável. Fazia parte desta doutrina o entendimento vitalista, quase panteísta, da natureza, ou seja, que os minerais são matérias vivas. São partes de um espírito universal que preenche toda natureza. Zózimo, ao descrever o processo para conseguir o aprimoramento dos metais, recomenda a adição de folhas de ouro para transformar um metal em ouro. Cita ainda, em seus manuscritos, a existência de Agatodemon (“bom espírito” - termo grego designado demônio beneficente, que acompanha as pessoas por toda a vida), que teria sido discípulo de Maria, a Judia, que aquecia uma pedra (pedra filosofal) junto à matéria metálica até que atingisse a cor purpúrea do sangue, da vida.

O filósofo neoplatônico helenístico Plotino (205-270 d.C.), com sua procura mística de união com o bem, através da inteligência, situa-se como ponto de ligação entre a filosofia grega e a sapiência alexandrina. Através de registros do próprio Plotino, esta sapiência aparece em Alexandria, entre o terceiro século antes e o terceiro século depois de Cristo, como resultado de um sincretismo do neoplatonismo grego, da cabala judaica e da mítica egípcia (ARES, 1996). Os mistérios do Egito são, portanto, os testemunhos do parentesco entre doutrinas caldaicas e a literatura hermética; pois, uma das fontes de Jâmblico seriam os Oráculos Caldaicos, redigidos no segundo século de nossa era, onde velhos mitos babilônicos são associados a teorias filosóficas em torno da heliolatria zoroastriana¹.

ARTE HERMÉTICO-MOSAICA

O "Corpus Hermeticum" (Século I a.C. à Século. II d.C.) é composto por textos célebres escritos em grego, atribuídos ao personagem lendário Hermes Trimegistro e a outros como Asclépio, Karekosmu e Poimandres. Nestes textos, revelam-se técnicas e a escrita de revelações da

sabedoria divina, nas quais o cosmo constitui uma unidade cujas partes são interdependentes - princípio este que se tornou básico na alquimia. No entanto, para tornar o princípio da sabedoria divina, operativo e atuante na prática, seria necessária uma sabedoria hermética, secreta e sagrada. Evidentemente os tratados herméticos não são de alquimia, entretanto estabeleceram uma interpretação sapiencial das técnicas mágico-míticas egípcias.

Um dos primeiros textos alquímicos helenísticos é a *Physica kay Mistika* do pseudo Demócrito (Século II d. C.). O livro inicia-se por uma revelação. O autor é conduzido ao templo de Mênfis pelo mago caldeu Ostanés. Uma das colunas abre-se e mostra o aforismo zoroastriano: "a natureza é encontrada pela natureza, a natureza vence a natureza, a natureza domina a natureza". Desta forma, é um tratado grego que confessa uma influência caldaica na alquimia grega. O interessante é que as receitas mágicas para obtenção do ouro e da imortalidade são, neste livro, justificadas fazendo apelo, de um lado, à teoria grega dos quatro elementos e, do outro, à mântica caldaica da astrologia e do culto do fogo.

O primeiro alquimista egípcio autenticamente identificado na história é Zóximo de Panápoles, que nasceu por volta do século III d. C., em Alexandria. Zóximo é o primeiro alquimista a ser chamado efetivamente de "filósofo", sempre se referindo à alquimia como uma técnica eminentemente sagrada (*leratiche techné*) que trataria tanto da transformação dos metais em ouro, por sua morte e ressurreição, como da encarnação ou desencarnação de espíritos. E todo este trabalho alquímico é realizado através de operações protoquímicas de destilação, sublimação e coagulação, em instrumentos inventados e construídos pela alquimista Maria, a Judia.

Zóximo também propõe a ideia de que existe uma substância que produza a transformação imediata do metal em ouro, quando projetada nela – esta substância, no desenrolar da história da alquimia toma o nome de tintura, elixir e, finalmente, pedra filosofal. Seria uma substância carregada de virtudes semelhantes às dos remédios, que curavam doenças ou davam longa vida ou, mesmo, a eterna vida.

Outro célebre alquimista bizantino que também tem seus trabalhos alquímicos alicerçados nos equipamentos de Maria é Olimpiodoro (século V), tido como o autor do livro - *Sobre a Sagrada Arte da Pedra Filosofal* - o qual testemunha a alquimia bizantina nos mesmos moldes que a helenística. Mas há uma diferença fundamental em relação à Maria: Olimpiodoro é cristão e, além disso, com experiência na filosofia grega. Portanto, para ele, o processo alquímico não necessita da magia para realizar-se, mas, é possível ser compreendido pela teoria grega aliada à mística cristã. O próprio desenvolvimento do “*fogo grego*” é uma prova concreta desta teoria. Olimpiodoro procurava interpretar somente os textos e receitas alquímicas "sérias" baseando-se, por exemplo,

nas escrituras, entendendo o sentido último de ambos, não os aceitando literal, mas, simbolicamente.

Quando da conquista da Pérsia e do Egito, pelos árabes, no século VII, estes entraram em contato com estas duas civilizações sapienciais, e absorveram-lhes a cultura por meio da tradução de seus livros. Dentre os livros gregos, traduzidos para o árabe, estava O Livro dos Segredos da Criação - uma cosmogênese entremeada de conceitos alquímicos creditados a Apolônio de Tiana, provavelmente do século I d. C.. Uma parte deste livro é a célebre Tábua Esmeraldina que, embora nada diga sobre as técnicas alquímicas, tornou-se para os árabes a obra básica de sua alquimia. O prestígio desta Tábua tornou-se tal que sua autoria foi atribuída ao próprio Hermes Trimegistro.

A Tábua Esmeraldina inicia-se pela conhecida frase: "O que está em cima é semelhante ao que está abaixo, e o que está abaixo é semelhante ao que está acima". Segue-se a esta frase, uma série de outras cujo significado hermético foi interpretado pelos alquimistas não só árabes, mas, também, europeus. A partir do princípio do que o mais alto provém do mais baixo e vice-versa, e que tudo é obtido do único por meio da conjunção dos opostos, a obra, partindo da união do sol com a lua, engendra o sopro vital: o mercúrio, cuja aura é a terra. Ele é o fermento da transmutação dos metais, separa a terra do fogo, e o que é precioso do que é grosseiro; eleva-se da ao céu e retorna para unir o que está embaixo ao que está acima. É a força que penetra tudo que é sólido e assim cria-se o microcosmo, imagem do universo. Esse é o processo alquímico, interpretado pelos árabes, a partir da sabedoria helenística. Por outro lado, as fontes caldaico-persas da alquimia árabe são evidentes na importância conferida ao fogo, como agente das transmutações nas operações alquímicas. De qualquer forma, a alquimia árabe tem uma peculiaridade. Ela, em si mesma, não evoluiu de um estado de técnica mágico-mítica, nem é um resultado de uma interpretação inteligente de uma técnica preexistente. Foi adquirida pelos árabes, por assim dizer, já pronta. Foi transposta de suas origens alexandrino-caldaicas para o contexto árabe já na forma de alquimia e não de técnica mágico-mítica.

¹ O zoroastrismo, também chamado de masdeísmo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratustra, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada como a primeira manifestação de um monoteísmo ético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARES, José Manuel. **Re-criações Herméticas Ensaio diversos sob o signo de Hermes**, Hugin Lisboa, 1996.

BIBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. 82. ed. rev. Tradução pelo Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave Maria Ltda, 1992. 1632 p. Versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) dos originais em hebraico, aramaico e grego.

CORNFORD, Francis Macdonald. **From Religion to Philosophy – a study in the origins of western speculation**. New York: Longmans, Green and Co., 1912. 276 p.

EBERLY, John. **Al-Kimiai: The Mystical Islamic Essence of the Sacred Art of Alchemy**. Aramneses Press, 1995.

GOLDFARB, Ana Maria Alfonso, **Da alquimia à química**. São Paulo, EDUSP, 1987

JACOBI, Jolande. **Paracelsus**. Selected Writings. Princeton, 1979.

PATAI, Raphael. **Os Alquimistas Judeus: um livro de história e fontes**. São Paulo: Perspectiva, 1994. 868 p.

VANIN, José Atílio. **Alquimistas e químicos: o passado, o presente e o futuro**. Editora Moderna: São Paulo, 1994